

# Linguagem, Homossexualidade, Coerção Social E Constituição Da Identidade

Mirielly Ferraça  
Rosiney A. L. do Vale

**Como citar:** FERRAÇA, M.; VALE, R. A. L. D. Linguagem, Homossexualidade, Coerção Social E Constituição Da Identidade. *In* : BRABO, T. S. A. M. (org.). **Educação, mulheres, gênero e violência**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.255-270. DOI: <https://doi.org/10.36311/2015.978-85-7983-713-5.p255-270>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# LINGUAGEM, HOMOSSEXUALIDADE, COERÇÃO SOCIAL E CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE

*Mirielly Ferraça*  
*Rosiney A. L. do Vale*

Falar de linguagem<sup>1</sup> humana implica, sem dúvida, falar de efeitos de sentido que se estabelecem nas relações entre o homem e os seus semelhantes e o mundo que o cerca, pois a linguagem funciona como orientadora dessas relações, uma vez que é por meio dessa forma socialmente adquirida que o sujeito constitui a realidade em que vive, interpretando-a e utilizando-a o tempo todo, nas mais variadas e distintas possibilidades de expressão verbal, visto ser a linguagem indissociável do homem social e suas práticas.

Geraldi (2003, p. 84) afirma que “ao tratarmos da linguagem e dos fenômenos da linguagem, estamos lidando com o que nos é mais íntimo, porque é ela o lugar de nossa própria constituição, e com ela nos ‘revestimos’ como homens; sendo, pois, a linguagem a vestimenta do que somos”. Dessa forma, enquanto ser social, o sujeito se constitui na e pela linguagem, imerso no sistema histórico-ideológico que nela se materializa.

Assim, a linguagem, articulada e indissociada da história e da ideologia, permite ao homem produzir efeitos de sentido, posicionar-se dis-

---

<sup>1</sup> Entendemos linguagem como um termo genérico que se refere a todo sistema de sinais convencionais que nos permite realizar atos de comunicação. Em se tratando de língua, referimo-nos à linguagem cujos sinais utilizados para comunicação são palavras, portanto, linguagem verbal.

cursivamente e ocupar e desempenhar lugares sociais, dizendo o que pode ser dito sobre (e a partir de) o lugar ocupado.

Em se tratando da linguagem verbal, é importante ressaltar que o uso de uma ou outra palavra deriva de escolhas que o locutor faz a partir do léxico da língua, no processo real de suas interações. Ou seja, as palavras não são usadas aleatoriamente, mas, sobretudo, refletem intenções discursivas que surgem a partir das posições ocupadas, no jogo que se estabelece durante esse processo de interação, realizado por sujeitos determinados cultural e socialmente. Sob esse prisma, também, é importante observar que a linguagem não é neutra, nenhum discurso, por mais simples que possa parecer, é imparcial, de modo que constatamos cotidianamente que realmente a função referencial denotativa da linguagem é somente uma de suas funções.

Assim, em vários estudos, ao longo da história da humanidade, tem-se revelado uma grande preocupação com desvendar aspectos de ordem social, histórica e cultural, por exemplo, intermediados (e possibilitados) pela relação linguagem /homem. Já na antiguidade, os filósofos reconheceram na linguagem a mola propulsora da evolução do homem enquanto ser superior dentre todos os animais e se debruçaram sobre esse tema, iniciando uma discussão que perdura até hoje. Nesse cenário, Orlandi (2003, p. 7) diz que “ao procurar explicar a linguagem, o homem está procurando explicar algo que lhe é próprio e que é parte necessária de seu mundo e da sua convivência com os outros seres humanos”. Independente da linha de pesquisa adotada, o fato é que testemunhamos cada vez mais a preocupação de estudiosos em trazer à luz várias discussões, tencionando explicitar a um maior número de pessoas a importância de se conhecer bem de perto as suas multifaces.

Ademais, a linguagem, enquanto traço definidor da natureza humana, desempenha um papel fundamental na formação do homem em sociedade. Na língua amarra-se ideologia e história, tríade que fornece aos sujeitos os efeitos de sentido constituídos na interação social, recuperados pela memória discursiva e ressignificados nas condições de produção do discurso. Por isso, determinados sentidos cristalizam-se, apresentam-se naturalizados ao sujeito, que não apenas reproduz, como também não questiona determinados valores. Por meio da língua, instituições (histórico-ideológicas) perpetuam e impõem determinados dizeres, a partir dos quais se pode compreender o funcionamento social. Sabe-se, por meio desses

dizeres, quem são (e o que podem e devem dizer) os operários, os patrões, os professores, os alunos, as garotas de programa...etc. No jogo discursivo, as posições ocupadas são definidas e os sujeitos identificados e significados pelo lugar ocupado.

A sexualidade é também significada nesse mesmo meio social, e, nessa linha de imposições, delinea-se o comportamento sexual masculino e o feminino, e tudo aquilo que foge do que é previamente estabelecido e considerado correto, normal, ideal.

Quando a temática é a sexualidade, ou mais especificamente as práticas sexuais marginalizadas, o assunto se torna ainda mais complexo e considerado tabu: “Em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política.” (FOUCAULT, 1996, p. 9). Os “diferentes” são negados e, por vezes, excluídos, são colocados à margem por não terem um comportamento “comum”, “esperado”, “desejável”, “normal”. Discursos oficiais que regem a esfera social acabam delineando o certo do errado, o que podemos e o que não podemos fazer. Ecoa no discurso religioso cristão o pecado de casar-se (ou mesmo ter relações sexuais) com alguém do mesmo sexo, prática considerada a transgressão das leis divinas; no caso do discurso jurídico, até pouco tempo era legalmente impossível que dois homens ou duas mulheres se casassem; atualmente a jurisdição brasileira aprovou a união civil entre casais homossexuais. Entretanto, a união civil entre pessoas do mesmo sexo foi perpassada durante séculos como proibição jurídica, sendo, dessa forma, impossível de se fazer o contrário. Tais interditos adentram os séculos e perpetuam-se na memória e na prática social, mesmo com o movimento de alguns sentidos relacionados a homossexualidade.

Determinados fatos históricos, costumes e valores morais perpetuam-se entre os séculos; presentes na memória social são, muitas vezes, difíceis de serem esquecidos e, muitas vezes, não se questiona o porquê de sua existência<sup>2</sup>. De tanto repetir, de tanto impor, esses dizeres se cristalizam, fazem parte da dinâmica cotidiana. O poder ideológico perpetua-se de modo a apagar o seu próprio funcionamento, basta pensar naqueles

---

<sup>2</sup> Há movimento nos sentidos, há transformação. Mas o que se deseja frisar é que na imersão do funcionamento ideológico, muitas vezes as evidências não permitem que o sujeito duvide da “verdade” historicamente perpetuada. Esquecer-se da origem e do movimento dos sentidos é constitutivo do funcionamento histórico-ideológico.

que são marginalizados e não-aceitos por não estarem de acordo com as normas e condutas sociais tidas como adequadas para o sujeito, que mesmo sentindo o preconceito e a punição social por suas escolhas, acabam repetindo os mesmos dizeres que são ditos sobre si, na própria confirmação do funcionamento ideológico. Condenam e não-aceitam quem são. O sujeito homossexual muitas vezes se diz ser aquilo que os outros dizem sobre ele, sustentando os valores perpassados pela língua, pela história; é o que comenta Soares (2006):

As vozes que ocupam lugares foram se sobrepondo em uma mesma direção a tal ponto que mesmo *para os sujeitos homossexuais essa memória do dizer ecoava no mesmo sentido*. Era indiscutivelmente impossível se falar da homossexualidade do homem brasileiro, trabalhador, pai de família porque faltava lugar para esse discurso. *O sujeito homossexual se dizia a partir do que era dito sobre ele*. (SOARES, 2006, p. 15, grifos nossos).

Assim, por meio da língua na história, o funcionamento ideológico se efetiva, ancorado nas instituições que moldam o sujeito, modelando-o para que se adeque ao que é definido como normal, aceito, incentivado. A família é uma dessas instituições que norteiam, zelam e fornecem diretrizes ao sujeito, conduzindo-o para a normatividade social. Claro que nessa imposição toda há luta para o sujeito, ele não é um mero marionete, a resistência acontece porque há falhas na língua, há falhas no ritual ideológico, abrindo espaço para a transformação. Mas, por outro lado, e é justamente isso que se pretende refletir nessa pesquisa, a imposição para que o funcionamento se efetive é grande.

Para pensar no funcionamento ideológico, este trabalho selecionou como *corpus* textos que materializam a dinâmica social, que trazem o jogo da perpetuação dos sentidos e da (efêmera) possibilidade de luta sujeito. Destacou-se algumas cenas do filme peruano *No se lo digas a nadie*, de 1998, dirigido por Francisco Lombardi, a partir do qual se busca compreender quais sentidos ecoam sobre a homossexualidade considerando o personagem do pai, Luiz Fernando, e também a partir da resistência apresentada pelo filho, Joaquim. A composição da materialidade analítica pauta-se também em trechos de uma entrevista realizada com uma travesti, em Cascavel-PR, em 2009, considerando a interferência dos discursos religioso, jurídico e familiar, determinando o que se pode dizer, o que se pode

fazer. Como aporte teórico, utiliza-se a Análise do Discurso de orientação francesa.

### **HOMOSSEXUALIDADE: REPRESSÃO E RESISTÊNCIA**

A película *No se lo digas a nadie* (1998) foi selecionada por retratar o sujeito homossexual e as relações familiares, contexto, nesse caso, em que se chocam a perpetuação/imposição dos valores sociais com a não-aceitação/aceitação. Materializa-se nas sequências discursivas selecionadas vezes que falam antes, em outro lugar e em outro tempo sobre a homossexualidade: “Michel Pêcheux descreve exatamente o *pré-construído*, este traço, no próprio discurso, de discursos anteriores que fornecem como que a ‘matéria prima’ da formação discursiva, à qual se cola, para o sujeito, um efeito de evidência.” (MALDIDIER, 2003, p. 39-40). Tal colagem da evidência mencionada por Maldidier (2003) fornece ao sujeito pontos de ancoragem, sentidos cristalizados que se apresentam dessa forma e não de outra, posta como se não houvesse espaço para questionamentos, por isso, como se verá, a resistência da instituição familiar em aceitar a homossexualidade.

*No se lo digas a nadie* retrata a história de Joaquim, personagem que demonstra ser homossexual desde os sete anos de idade. O pai percebe esse comportamento e tenta dissuadi-lo, fazendo-o participar de atividades que considera “de homem”. Na faculdade, Joaquim começa a namorar Alejandra, mas, simultaneamente, se envolve sexualmente com Gonzalo, amigo em comum do casal. Este personagem estava noivo de Rocio, e motivado pela negação da sociedade em aceitar a homossexualidade como algo natural, acaba escondendo sua sexualidade assim como Joaquim. Entre várias outras situações que acontecem, no fim da produção cinematográfica, Joaquim acaba voltando a namorar Alejandra e reencontra Gonzalo, seu primeiro amor correspondido. O final sugere que o triângulo amoroso recomece.

O discurso religioso está presente em vários momentos da película. Um fato em especial, em que é possível perceber o quanto o discurso cristão subjuga os desejos de Joaquim, é evidenciado no momento em que ele reza, quando criança, após ter tocado seu colega e este responder chamando-o de

“*maricon*”<sup>3</sup>, pedindo a Deus para que ele “não seja assim”, entendendo o desejo de tocar outro menino como algo errado, como pecado. Soares (2006) coloca que o discurso religioso promove que o certo é ser heterossexual, e que ser homossexual é algo errado e que precisa ser ‘curado’:

*O discurso religioso promove: ao redimir-se da condição de ser homossexual, curar-se da doença própria desse estilo de vida. Tornar-se heterossexual: normal, saudável, sem pecados e, por deslizamento, livre da doença relacionada ao pecado da homossexualidade.* (SOARES, 2006, p. 15, grifos nossos).

Nesse caso, para o discurso religioso, a homossexualidade é entendida como uma doença, trazendo por oposição o heterossexual como alguém normal e saudável. Em outro episódio, Joaquim conta à Alejandra que sente atração por outros homens. A garota diz que o ajudará a se tornar “um homem normal”. O que também remete ao discurso religioso e a outros discursos circundantes na sociedade tidos como aceitáveis, pois ser normal é ser heterossexual, é ser saudável e aí se poderia citar um monte de “bons” adjetivos. Como afirma Orlandi (1987), “a religião constitui um domínio privilegiado para se observar esse funcionamento da ideologia dado, entre outras coisas, o lugar atribuído à Palavra” (ORLANDI, 1987, p. 242). Neste artigo não se pretende analisar o discurso religioso, mas vale ressaltar que este acaba aparecendo como plano de fundo nas SD selecionadas, devido constituição cristã, indiretamente pela movimentação de sentidos no social, e diretamente pela influência da mãe, uma cristã “fervorosa”.

Luiz Felipe, pai de Joaquim, é a caracterização do imaginário social do homem “macho”<sup>4</sup>, aquele que tem relações extraconjugais para demonstrar virilidade e a representação de homem como força bruta e como dominador. O pai não aceita que o filho seja homossexual, por isso impõe situações em que Joaquim tem que agir como um homem agiria, expressando-se e impondo-se pela força. Luiz Felipe o leva para caçar e incita-o a bater em um garoto, ações tipicamente masculinas. A tão difundida iniciação sexual por meio dos bordéis também está presente na película. O pai

<sup>3</sup> Entretanto, duas garotas possuem mais liberdade de se tocarem, se acariciarem e mesmo se beijarem sem que alguém pense que há algo mais que amizade.

<sup>4</sup> César Nunes, apud Furlani (2003), conceitua os homens como Luiz Felipe de “Machista Ortodoxo”, um perfil ‘inconsciente’ assumido pelos machistas.

presenteia o filho com uma tarde com uma prostituta e incita-o a beber, a “beber como um homem”, diz o pai. Essas situações serão analisadas a seguir, começando pela cena em que Luiz Fernando, após ver outros garotos rirem de Joaquim na Igreja, incita-o a lhe bater quando voltam para casa.

- Vamos simular uma briga. Você pode me bater em qualquer parte da cintura para cima. Tudo o que eu vou fazer é me esquivar dos golpes.
- Você não vai me bater?
- Não. Me bata. Imagine que eu sou um pentelho da escola, um garoto que gosta de te irritar. Me bata, vamos lá! [...]
- Você disse que não ia me bater.
- *Tente. Não seja um maricas, homem.*
- [O pai bate no menino]
- *Não seja covarde, filho. Nem está sangrando.*
- [O garoto tenta se defender, agredindo o pai, até que o pai acerta-lhe um soco na cara]
- Eu não quero continuar.
- *Você não pode desistir. Não seja bichinha, caralho. Pegue as luvas. Vai dar um de bichinha? Caralho!*
- Eu não gosto de lutas.
- *Volte aqui viado!*

O homem é caracterizado como aquele que se expressa pela força bruta, em oposição à mulher que é delineada como frágil, desprovida de atitudes violentas e agressivas e ainda a imagem feminina é caracterizada como aquela que deve conduzir as situações com amor e passividade. Dessa forma, quando um homem, apesar de que tais características não asseguram e não definem o sexo da pessoa que as toma, possui certas características tidas como femininas, como o fato de não gostar de brigas e de não se impor pela força, já lhe atribuem adjetivos pejorativos, como “marica, bichinha e viado”, palavras que o Luiz Fernando utiliza para definir o filho. A constituição dos lugares do homem e da mulher na sociedade parece estar pautada num discurso lógico: o comportamento passivo e pacífico é destinado à mulher e o comportamento bruto e agressivo ao homem, aquele que assume as primeiras características é logo definido como pertencente à esfera feminina, como é o caso de Joaquim na película.

O fato de que não se pode bater nos pais, sendo isso a quebra do 4º mandamento da Igreja Católica, não incomoda Luiz Fernando de forma alguma, já que o propósito dessa transgressão é maior: o intuito é

educar o garoto e colocá-lo no caminho tido como certo. Joaquim estranha o comportamento paterno e questiona se o mesmo não vai lhe bater, pois se espera que ao transgredir uma lei social e religiosa, como bater nos pais, que este irá repreendê-lo energicamente. Percebendo que o filho não corresponde ao seu desejo, Luiz Fernando agride o garoto esperando deste um retorno, mas isso não acontece, deixando o filho magoado pela situação e o pai irritado por achar que o menino é um “viado”, como ele mesmo afirma.

Para amenizar a situação causada pela iniciativa frustrada de fazer Joaquim brigar ou se impor pela força, Luiz Fernando leva o filho para o sítio da família, com o intuito de ensiná-lo a caçar, outra ação tipicamente masculina. No caminho, Luiz Fernando oferece cigarros e incita-o a fumar, ação associada ao ilícito ou à liberdade (nesse caso a masculina). Ao chegarem ao sítio, o empregado e seu filho recebem os patrões e logo trazem algumas galinhas para Joaquim acertá-las com uma pistola, mesmo contrariado, Joaquim faz o que o pai manda. Abaixo a SD discursiva retirada dessa cena:

- Eu acertei ela? Será que a feriu?
- Você fez cócegas nela. Por que você fecha os olhos para atirar? Por acaso fecha-se os olhos para fazer um pênalti?
- É que eu não sou muito forte. O que eu posso fazer?
- Não me venha com essa *conversa de mulherzinha*, caralho.

Joaquim atira, mas se enche de remorso, perguntando se feriu o bichinho. O pai, mostrando irritação com o garoto, diz que apenas fez “cócegas” na galinha e ainda questiona por que Joaquim fecha os olhos para atirar, sinal característico de medo e de insegurança. Além disso, o pai associa o ato de caçar ao futebol, mais uma atividade considerada de homens. Joaquim responde que não é “muito forte” e replica: “o que posso fazer?”. O que pode ele fazer se não deseja ou mesmo não consegue caçar, fumar, brigar? Tais sentidos do que é ser homem e do que um homem deve gostar estão presentes na fala do pai, que ao tomar isso como evidência pelo efeito ideológico não consegue escapar da memória ecoa em sua voz. Na sequência do episódio, Luiz Fernando deixa Joaquim e o filho de seu empregado, Dione, irem caçar sozinhos. Para agradar ao patrão, Dione mata um cervo, mas afirma que quem atirou foi Joaquim, o que deixa Luiz Fernando satisfeito com o filho. Em seguida, ainda sozinhos, os garo-

tos banham-se no rio e Joaquim insinua-se sexualmente para Dione, que irritado diz que contará ao patrão as atitudes do filho. Joaquim pede que Dione “não conte a ninguém”, título da película que acompanha toda a narrativa do personagem principal. Com medo de o pai descobrir seu desejo por outro homem, Joaquim bate em Dione. Luiz Fernando vê a cena dos dois brigando e sente orgulho do filho, por ele ter dado uma surra no outro menino, não importando saber o motivo. Na volta para casa, Luiz Fernando diz a Joaquim:

- *Primeiro você mata um cervo. Depois bate em Dione. Foi uma viagem e tanto. Você tem culhões, não posso negar. Você é um homem, Joaquim.*

O órgão sexual masculino é a representação de virilidade e, nesse caso, ter culhões é ser macho, capaz de matar animais e bater em alguém. O que está em jogo é o corpo inserido (e constituído) no simbólico, em que partes dele passam a ser significadas no social. Nessa lógica: se tem pênis (ou culhões, e aí a expressão está especificamente amarrada com o imaginário que se tem da masculinidade), logo deve caçar, bater, fumar, ter relações com mulheres... e seguem os sentidos estabelecidos pela ordem (moral) social, delineando não só o lugar dos sujeitos, mas onde cabe (e onde não cabe) a inserção do corpo.

Como presente de formatura, Luiz Fernando presenteia o filho com uma prostituta. Como era íntimo e um frequente cliente, evidenciado pela fala do dono do bordel “Você já experimentou todas elas”, Luiz Fernando pediu que a casa de tolerância fosse aberta exclusivamente à tarde para ele e o filho. Joaquim, contrariado, escolhe uma das garotas e sobe para o quarto.

- Beba Joaquim. *Tome feito homem.*

[...]

- Que rápido! Ela gritou? Vamos lá, me conte.

- Vai à merda!

- Foi ruim? Joaquim!

A prostituição foi (ainda é, em certo sentido) vista como uma válvula de escape para a sociedade, pois era por meio dela que os homens casados tinham a liberdade de fazer sexo sem que este estivesse relacionado à procriação, como assim o era com a esposa e ainda contribuía para que os

homens solteiros, ou mesmo os casados, não desonrassem as “jovens donzelas”. As prostitutas, portanto, serviam para aliviar as necessidades carnisais, sem que se visse mal nisso. Nas palavras de Chauí (1984):

*[A prostituição] é tolerada e até mesmo estimulada nas sociedades que defendem a virgindade das meninas púberes solteiras, de um lado, mas que, de outro lado, precisam resolver as frustrações sexuais dos jovens solteiros e dos homens que se consideram mal casados ou que foram educados para jamais confundirem suas honestas esposas com amantes voluptuosas e desavergonhadas. (CHAUÍ, 1984, p. 79-80, grifos nossos).*

O personagem de Luiz Fernando possui casos extraconjugais no bordel, uma maneira de reafirmar sua masculinidade, já que enquanto homem é cabível que frequente casas de prostituição, o mesmo não caberia a mulher. Além disso, o bordel é utilizado nesse caso como iniciação sexual para Joaquim, pois, para Luiz Fernando, o homem precisa demonstrar virilidade. “A prostituição era vista como um meio prático de permitir que os jovens de todas as classes afirmassem sua masculinidade e aliviassem suas necessidades sexuais, enquanto evitava, ao mesmo tempo, que se aproximassem de esposas e filhas respeitáveis.” (RICHARDS, 1993, p. 122).

Nas sequências discursivas destacadas desse episódio, logo quando chegam ao bordel, Luiz Fernando incita Joaquim a beber, mas não simplesmente beber, mas a beber como homem, como se a masculinidade também estivesse associada a embriaguez e, por oposição, a mulher, aquela destinada ao casamento, não poderia abusar ou mesmo embebedar-se como os homens. Essa divisão entre o que o homem e a mulher podem fazer se constitui em uma linha de tensão tênue, no próprio movimento dos sentidos, por isso tal delimitação não ocorre de forma categórica, mas os sentidos constituem-se e reverberam-se nessa confluência. Após Joaquim descer sem a garota, o pai logo lhe pergunta: “Ela gritou? Vamos lá, me conte”. Nessa SD, percebe-se que o sexo é exposto como algo natural e que deveria ser comentado por ambos, no caso de o sexo estar associado à esposa, esse tipo de exposição ou exibição não existiria ou mesmo não seria visto como aceitável. Mas como, neste caso, o sexo e o prazer advêm de uma prostituta, não se exige respeito, é realizado como afirmação, como exibicionismo. Joaquim, cansado daquela imposição, manda o pai ir “à merda”.

A instituição familiar é destinada a ensinar e a manter os valores sociais, tidos como os bons costumes. Por isso, Luiz Felipe se sente na obrigação de fazer com que Joaquim se comporte e seja um ‘homem’. De acordo com Goode (1970), o papel atribuído à família é o de agir como agentes na manutenção dos valores instituídos como aceitáveis.

*A família, então, é constituída de indivíduos, mas, ao mesmo tempo, é parte integrante da trama social mais ampla. Todos nós somos constantemente vigiados por nossos parentes que se sentem à vontade para nos criticar, sugerir, ordenar, persuadir, elogiar ou ameaçar, a fim de que desempenhemos as obrigações afetas aos nossos papéis sociais. (GOODE, 1970, p. 13, grifos nossos).*

Os homossexuais acabam sendo forçados a mascarar seus desejos, tudo por conta da repressão sexual exigida pela sociedade. Os familiares contribuem para que as práticas condenadas socialmente fiquem às escuras, pois acabam tomando atitudes contra essas práticas, entendendo-as como “erradas”. Assim, a sociedade organiza-se de modo a indicar aos demais o que acontece com quem transgride o que é aceito: aponta-se o erro, castiga-se e mostra-se as consequências de escolhas ‘erradas’. É o que comenta Chauí (1984):

*Do ponto de vista moral, portanto, a repressão sexual opera de modo duplo: pela criação de obstáculo ao vício (educação da vontade) e pela mostração dele, se incorrigível. No centro da disposição repressiva encontra-se, portanto, a corretiva e a edificante – impedir ou exhibir pelo exemplo. A racionalização fundamental será oferecida pela idéia de proteção: proteger os indivíduos contra o vício e proteger as instituições sociais contra os viciosos. (CHAUI, 1984, p. 79-80, grifos nossos).*

Assim, os valores familiares também são perpassados pelos pais, que se encarregam de fazer a manutenção, mas claro, não só eles, outras instituições realizam essa vigília sobre o sujeito. A estrutura familiar (normativa e burguesa) é reproduzida como sendo composta por um casal heterossexual, sendo a imagem da mãe e do pai representados por uma mulher e por um homem<sup>5</sup>, modelo ideal de constituição familiar. Diante

---

<sup>5</sup> Apesar de observarmos na sociedade atualmente famílias diferentes do modelo canônico burguês mãe + pai = filhos, essa imagem está tão enraizada que é quase impossível pensar na palavra família sem que esta esteja associada a essa significação. Essa composição está fortemente perpetuada pela memória discursiva, mas como já foi mencionado, no mesmo há espaço para o diferente, na perpetuação há espaço para a mudança.

da imposição social, Joaquim namora Alejandra, não assumindo seu desejo homossexual. Namorar uma garota e ter relações com outros homens de maneira restrita à clandestinidade, às sombras, demonstra ser esse relacionamento com mulheres de aparência, com o intuito de mostrar à sociedade e à família que ambos estão dentro do que é exigido. “É como estar constantemente sob o olhar da censura e da vigia social; se sentem como se estivessem ‘fazendo algo errado’. Com isso, acabam tendo que dissimular seus atos, camuflar suas intenções e esconder da família, seu (sua) companheiro (a).” (FURLANI, 2003, p. 159).

Percebe-se que em todas as situações descritas ocorre a coerção do pai, impondo que Joaquim deve agir com o que se espera para um homem, reproduzindo como certo aquilo que é aceito como normal e desejável, reprimindo o que seria ‘errado’. O pai, enquanto autoridade, diz o que deve ser feito, e a Joaquim, como todo bom filho, tem como dever obedecer e aceitar os caminhos indicados pelo pai. Ou, caso não aceite tal imposição, resta-lhe as sombras, a marginalidade. “Em relação à coerção, não é necessário dizer que não se trata de força ou coerção física, pois a ideologia determina o espaço de sua racionalidade pela *linguagem*: o funcionamento da ideologia transforma a força em direito e a obediência em dever.” (ORLANDI, 1987, p. 242).

Joaquim não é o único que sofre com a imposição familiar e o funcionamento ideológico que impõe, de uma forma ou de outra, o comportamento dos sujeitos. A película foi lançada em 1998, mas em uma entrevista realizada em Cascavel-PR, com uma travesti em 2009, é possível perceber o perpetuar do mesmo, o reverberar dos sentidos cristalizados sobre a homossexualidade e o comportamento familiar em torno disso. Dani (com 18 anos na época da entrevista), assim como prefere ser chamada, é travesti e se prostitui desde os 16 anos, para ela também é conflituosa sua relação com a família:

*Pesquisador: Como foi você contar para família? Ou eles descobriram?*

*Dani: Então, eu ia fazer 15 anos, no dia do meu aniversário eu cheguei pra minha mãe e falei que eu era gay, ela me mandou embora.*

Mesmo sendo o filho menor de idade, a expulsão é uma forma de sanção por parte da mãe, mostrando ao sujeito que ele precisa ser penalizado por sua escolha, sendo, assim, a escolha do filho é considerada “errada”, já que o erro merece conserto ou punição. Tal punição não é realizada de modo totalmente consciente, como se o sujeito tivesse total controle sobre o que faz e o que diz, o funcionamento ideológico, marcado pela perpetuação histórica do que cabe aos pais, do que significa ser homossexual, está presente na ação realizada pela mãe. É como se reverberasse na expulsão: a) pais devem punir/corriger os filhos quando esses cometem algum erro; b) a homossexualidade é errada e por isso meu filho merece um castigo, como ser expulso de casa.

À margem, por ser bissexual, travesti e prostituta, Dani sofre as sanções sociais por não se encaixar no modelo canônico para o homem.

P: O que você acha do seu trabalho?

Dani: Arriscado, muito preconceito, discriminação. Porque eu não sou travesti 24 horas, *eu sou só à noite*. Aí tem pessoas que me conhecem de gay, aí me vê de travesti e no outro dia fica falando, não conversa mais comigo. Então assim, tem uma discriminação enorme. *Minha mãe não me aceitava*, agora ela aceita. *Meus irmãos não me aceitam*, então assim, super complicado.

É à noite em que Dani pode se travestir. À luz do dia, Dani sofreria com a não-aceitação de familiares e amigos e isso considerando o próprio convívio social. Para a própria família aceitar algo que é construído historicamente como errado impõe resistência, não só a mãe, mas principalmente aos irmãos que continuam não aceitando a escolha de Dani. Os irmãos de Dani, assim como o pai de Joaquim, são afetados também pelos sentidos que constituem a honra masculina familiar.

P: O que você pretende, espera do futuro?

Dani: Assim, *eu pretendo ser pai, casar com uma mulher*, mas sabendo que eu goste de homem também, entendeu? Tão assim, eu sou bissexual de homem, de mulher. *Tão assim, eu tenho uma namorada que estuda na minha sala, só que ela não sabe que eu venho aqui. Tão assim, ela sabe que eu curto homem, só que ela não sabe que eu venho aqui*. Se eu achasse um serviço excelente, eu saio da rua e fico com ela, entendeu? Mas se acontecer isso de eu ficar com ela e ficar na rua e ela descobrir, com certeza ela vai terminar, porque ela não vai aceitar.

Ao mesmo tempo em que resiste, o sujeito também reproduz. Não há como fugir do assujeitamento ideológico: corre-se de um lado, resiste-se com braveza, mas recai-se, de uma forma ou de outra, no funcionamento ideológico; é inevitável. Mesmo se constituindo de outra forma, por ser travesti, por ser bissexual, por se prostituir, ainda o modelo edílico familiar é buscado por Dani. Não que ele não possa também desejar o modelo canônico familiar como os demais, mas a constituição familiar aqui parece ser mais a falta do que uma escolha efetiva. O desfecho lógico parece ser o casamento heterossexual.

O sujeito resiste, luta quando se depara diante do não-encaixe nos modelos pré-formatados. Ainda que se renda a repetição dos modelos canônicos, a resistência existe e é necessária, visto ser a desconstrução o lugar para questionar o funcionamento social e suas cegas imposições e perpetuações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a riqueza do texto em foco, ressaltamos que não é nossa intenção, dado o contexto, fazermos uma análise exaustiva; mas, apenas, ratificar, por meio dos poucos fatores abordados, como a linguagem revela sentidos que foram socialmente construídos ao longo da história da humanidade e que se manifestam nas formas linguísticas escolhidas, mesmo que inconscientemente, pelo falante.

Nesse caso, vimos o quanto a sociedade judaico-cristã ocidental se apresenta fortemente caracterizada pela imposição do poder, exigindo certas condutas e comportamentos. “É uma sociedade ainda dominada pelos homens e pela hegemonia da conduta heterossexual. Padrões de vivência sexual que não reforcem o machismo, o casal heterossexual e a família institucionalizada, são fortemente discriminados.” (FURLANI, 2003, p. 159). Diante das SD analisadas neste artigo, é possível perceber de que forma a família atua como mantenedora dos valores aceitos como corretos e esperados de um filho. É ela quem indica o caminho a ser seguido e atua para que este esteja realmente dentro do que é esperado, criando expectativas quanto a seu futuro, como o fato de casar-se e presentear com os pais com netos, frutos de uma união religiosa aceita e estável.

Verifica-se também que por meio da língua e da história outras vozes ecoam nas falas destacadas dos personagens, reafirmando o conceito composicional da família, o papel cerceador dos pais, o que se diz sobre a homossexualidade e o que se espera de um homem e de uma mulher. Assim, essas atitudes esperadas são ora cumpridas na película, ora refutadas. Porém, por medo da coerção social sofrida por aqueles que corrompem o esperado, esses sujeitos acabam escondendo suas práticas “erradas” e demonstram estarem seguindo o comportamento tido como normal e exemplar. Por isso, Joaquim esconde seus desejos e apresenta à família e à sociedade um relacionamento estável com uma mulher, mesmo tendo relações extraconjugais com um homem. Da mesma forma que a entrevistada Dani esconde da namorada que é travesti (ou ainda que se prostitui).

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. rev. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- FURLANI, Jimena. *Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- GERALDI, João Wanderley. In: XAVIER, Antonio Carlos, CORTEZ, Suzana (Org.). *Conversas com lingüistas: virtudes e controvérsias da lingüística*. São Paulo: Parábola, 2003. p. 77-90.
- GOODE, William Joseph. *A família*. [s.l.:s.n.], 1970.
- MALDIDIER, Denise. *A Inquietação do Discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas: Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, [1987]2001.
- \_\_\_\_\_. *O que é lingüística*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, [1995] 1997.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Tradução Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. *A homossexualidade e a AIDS no imaginário de revistas semanais (1985-1990)*. Niterói: [s.n.], 2006.